


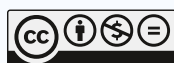
* Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo - UPF. Graduado em História pela Universidade Federal da Fronteira Sul (2014). Especialista em Espiritualidade pela Faculdade de Teologia e Pastoral - Itepa Faculdades, de Passo Fundo. Especialista em Educação no Campo com ênfase em Estudos da Realidade Brasileira pela Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Chapecó.

E-mail: tiago_xxe@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-4573-0683>

Recebido em 30/09/2022

Aprovado em 19/10/2022



DOM JOSÉ GOMES E A METODOLOGIA POPULAR DOS GRUPOS DE REFLEXÃO NA DIOCESE DE CHAPECÓ-SC

DOM JOSÉ GOMES AND THE POPULAR METHODOLOGY OF REFLECTION GROUPS IN THE DIOCESE OF CHAPECÓ-SC

*Tiago Arcego da Silva**

Resumo: As décadas de 1960 a 1980 trazem um novo cenário eclesial, diante do contexto político, social e econômico em toda a América Latina. Há um aprofundamento da pobreza e desigualdade social, bem como há também a abertura da Igreja Católica para uma nova leitura teológica, a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965), Medellín (1968) e da Teologia da Libertação. No bojo deste contexto, é transferido para a Diocese de Chapecó, no Oeste Catarinense, o bispo Dom José Gomes, o qual se torna um ícone da ala progressista Igreja Católica no Brasil. O bispo irá desencadear muitas frentes eclesiais e sociais libertadoras. Entre elas, interessa nesta reflexão percorrer a metodologia dos Grupos de Reflexão, dimensão eclesial singular na formação e libertação das consciências do povo do Oeste de Santa Catarina. Para dar conta deste objetivo, primeiro refletimos o fortalecimento dos Grupos e sua metodologia na Diocese, e em seguida, o papel fundamental de Dom José em reforçar e entender tais reuniões como espaço privilegiado de formação de lideranças.

Palavras-chave: Grupos de Reflexão; Dom José Gomes; Teologia da Libertação; Diocese de Chapecó.

Abstract: The decades from 1960 to 1980 brought a new ecclesial scenario, given the political, social and economic context throughout Latin America. There is a deepening of poverty and social inequality, as well as the opening of the Catholic Church to a new theological reading, from the Second Vatican Council (1962-1965), Medellín (1968) and Liberation Theology. In the midst of this context, Bishop José Gomes is transferred to the Diocese of Chapecó, in western Santa Catarina, who becomes an icon of the progressive wing of the Catholic Church in Brazil. The bishop will unleash many liberating ecclesial and social fronts. Among them, it is interesting in this reflection to go through the methodology of the Reflection Groups, a singular ecclesial dimension in the formation and liberation of the consciences of the people of the West of Santa Catarina. To achieve this objective, we first reflect on the strengthening of the Groups and their methodology in the Diocese, and then, the fundamental role of Dom José in reinforcing and understanding such meetings as a privileged space for leadership formation.

Keywords: Reflection Groups; Dom Jose Gomes; Liberation Theology; Diocese of Chapecó.

INTRODUÇÃO

O contexto do final da década de 1960 apresenta um cenário de endurecimento do regime político no país, desigualdade social em números alarmantes, repressão, fome e pobreza. Cena parecida se replicava em muitos países da América Latina. Diante deste panorama, a Igreja Católica procurava se reposicionar, ao mesmo tempo em que sofria pressão para que assumisse uma postura mais aberta, frente a sua tamanha influência neste ambiente, fruto de diferentes experiências locais e os resultados do Concílio Vaticano II (1962-1965). A Conferência Episcopal realizada em Medellín, em 1968, aponta novas possibilidades de abordagem, com campo aberto para uma nova interpretação teológica, pouco mais tarde sintetizada como Teologia da Libertação (TdL)¹, em todo o Continente.

É nesse período que ocorre a transferência de Dom José Gomes, então bispo da Diocese de Bagé – RS, para ser o terceiro bispo da Diocese de Chapecó - SC, o qual permaneceria de 1968 até 2002, ano de sua morte. Embora não se saiba ao certo o porquê da decisão política da Igreja pela transferência do bispo, como veremos, em Chapecó sua presença foi decisiva, pois assumiu o cargo de figura eclesial mais importante, e também foi onde sua história ficou marcada como à história de um grande líder da Igreja e dos movimentos sociais no Brasil.

Aos poucos, a Igreja local assume e traduz os debates que toda a América Latina fazia em torno da Teologia da Libertação e também se estrutura a partir da “opção preferencial pelos pobres”. Os círculos bíblicos, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), os Grupos de Reflexão (GRs), as Pastorais Sociais, o avanço na democratização das tomadas de decisão incorporando o papel fundamental dos leigos e os espaços de formação de fé e política, serão grandes marcas da Igreja diocesana, principalmente nas décadas de 1970-1980.

Os Grupos de Reflexão, como veremos, fomentam o estudo dos documentos eclesiais, da Bíblia e da realidade social, política, econômica e cultural em que eram condicionadas as comunidades. No entanto, o bojo das discussões propostas pelos roteiros gera conflitos de interesses entre os diferentes grupos sociais, logo esse se torna um período onde ocorrem grandes enfrentamentos e tensões relacionados às posturas e ações da Instituição na região em defesa dos pobres.

Vale destacar a grande importância da figura do bispo diocesano como impulsionador e rígido na cobrança da efetivação do modelo de Grupos de Reflexão. É neste cenário que a Igreja local ganha notoriedade, a partir da formação de lideranças e na organização popular e é reconhecida em todo o Brasil pelo grande número de pessoas que aparecem à frente dos movimentos populares, partidos políticos e pastorais sociais. Ao mesmo tempo, Dom José é lembrado como o “bispo dos pequenos”, “mestre e aprendiz do povo”, “profeta da esperança” e tantos outros adjetivos que ainda marcam a vida e história de quem conviveu ou, simplesmente, soube de sua atuação na defesa dos “pequenos” e no anúncio de uma nova organização geradora da justiça social, a partir da Teologia da Libertação.²

1 A Teologia da Libertação foi uma ampla produção teológica, com pressupostos históricos, sociológicos, econômicos e sociais, fruto de debates a partir da linha mais social da Igreja Católica e protestante, que nortearam uma leitura e ação a partir da experiência e protagonismo da “opção pelos pobres”. Ela vai ter conceito e atuação singular na América Latina, especialmente, entre as décadas de 1970 a 1990. Na referência a seguir, apontamos uma oportunidade de aprofundamento no conceito.

2 Infelizmente não é possível fazer uma análise mais detalhada sobre todos os conceitos importantes registrados nesta introdução. Para evitar a exaustão, ao mesmo tempo em que fugiríamos da proposta do artigo, damos ao leitor apenas uma possibilidade de leitura de cenário. Para um debate mais amplo dentro destes pressupostos, o qual baliza esse rápido estudo, ver: Tiago Arcego da SILVA. *A práxis política da Igreja Católica na Diocese de Chapecó/SC (1970-1980)*. Erechim: AllPrint, 2018.

Figura 1 – Abrangência territorial da Diocese de Chapecó.



Fonte: IBGE, 2015; FRITZEN, Maycon; SILVA, Tiago Arcego da. (Org.). 2015. In: SILVA, Tiago Arcego da. *A práxis política da Igreja Católica na Diocese de Chapecó/SC (1970-1980)*. Erechim: AllPrint, 2018. p. 17.

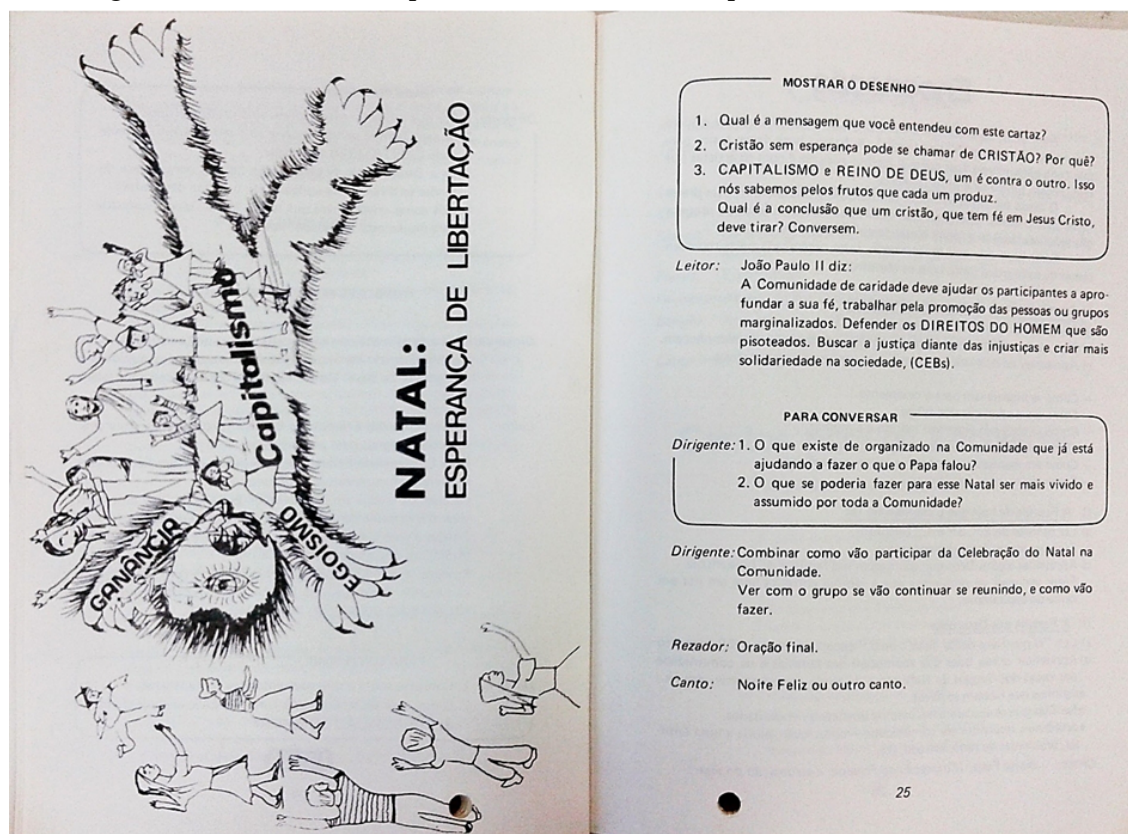
OS GRUPOS DE REFLEXÃO NA DIOCESE DE CHAPECÓ

Como já dito, os Grupos de Reflexão (GRs) eram um dos principais mecanismos de comunicação e formação na Diocese de Chapecó. Em 1975, os GRs, baseados na Educação Popular de Paulo Freire, foram assumidos pela primeira vez como Diretriz para Evangelização. A metodologia propunha o fomento das CEBs, onde deveria se consolidar a renovação litúrgica e bíblica, a partir de uma “leitura popular da Bíblia”, em parcerias da Diocese com diferentes grupos ligados à Teologia da Libertação, como o projeto “ASSESSOAR” de Francisco Beltrão – PR; o Centro de Orientação Missionária – COM, de Caxias do Sul; e o Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos – CEBI.³ Neste íterim, embora também com dificuldades, é que eram difundidas de maneira mais efetiva para as lideranças e comunidades as posturas da Igreja diocesana frente aos problemas sociais.

Já a partir de 1976, a Diocese passou a produzir seus próprios roteiros para Grupos de Reflexão. Na prática, a proposta era de que pequenos núcleos familiares, dentro das comunidades eclesiais de base, pudessem se encontrar para estudar um tema específico, que era proposto a partir da realidade, seguido de uma leitura bíblica com perguntas para serem debatidas pelos grupos e, por fim, um bloco destinado a fazer com que os mesmos percebessem formas de ação concreta na comunidade ou sociedade. Frequentemente, os roteiros também apresentavam gravuras ou desenhos para ilustrar o tema proposto. Por abordarem temas locais, ligadas às questões macro, reunir diferentes visões de mundo, posicionamentos e interesses, não sem demora, conflitos passaram a existir também no seio das comunidades, como veremos adiante.

3 Adayr Mário TEDESCO; Romualdo ZIMMER. O pastor de uma Igreja que transformou o Oeste. In: UCZAI, Pedro (Org.). *Dom José Gomes: Mestre e Aprendiz do Povo*. p. 82-83.

Figura 2 – Roteiro de Grupo de Reflexão: “Natal: Esperança de Libertação”.



Fonte: DIOCESE DE CHAPECÓ. *Natal Vida e Esperança – Pastoral Rural*. Roteiro de Grupo de Reflexão. Chapecó, 1980. Cópia no arquivo do Secretariado Diocesano de Pastoral. Av. Getúlio Vargas, 121S, Chapecó-SC.

Segundo Clodovis Boff, “todo o trabalho popular necessita destas duas coisas, ligadas entre si: teoria (reflexão, estudo, análise, compreensão) e práxis (ou prática, ação, compromisso, luta)”.⁴ Desta maneira, os roteiros buscavam essa mediação entre o estudo e o compromisso concreto, o que também já era princípio primeiro na discussão apresentada por Paulo Freire a partir de seu método.

Em 1988, por exemplo, foi enviado para as comunidades um caderno de roteiros para os GRs, comemorativo aos primeiros 12 anos de elaboração pela própria Diocese de Chapecó. Nele os objetivos dos Grupos de Reflexão são retomados e apresentados como: 1 – Evangelizar o povo cristão; 2 – Formar e construir a Comunidade Eclesial de Base; 3 – Promover a educação popular; 4 – Favorecer o engajamento nas organizações populares que lutam pela libertação e são ferramentas na construção do Reino de Deus; 5 – Ser sinal, fermento e instrumento do Reino de Deus.⁵

Dentro do objetivo 3, de “promover a educação popular”, encontram-se os subitens:

[...] que desperte a consciência crítica e a visão política; - que ajude a criar Consciência de Classe; - que defenda os interesses do povo explorado e trabalhador; - que fortaleça as organizações populares; - que desperte e forme lideranças do povo para organizar as lutas populares; - que torne o povo oprimido sujeito de sua história; - que busque a transformação da sociedade.⁶

Os GRs tinham o intuito de ser o espaço privilegiado de formação de lideranças na Diocese de Chapecó. Em seus objetivos, conforme descrito, a “consciência política e de

4 Clodovis BOFF. *Como trabalhar com o povo*. p. 53.

5 DIOCESE DE CHAPECÓ. *Roteiro para grupos de reflexão*. Cópia no arquivo do Secretariado Diocesano de Pastoral. Av. Getúlio Vargas, 121S, Chapecó-SC, p. 9.

6 DIOCESE DE CHAPECÓ. *Roteiro para grupos de reflexão*. p. 9.

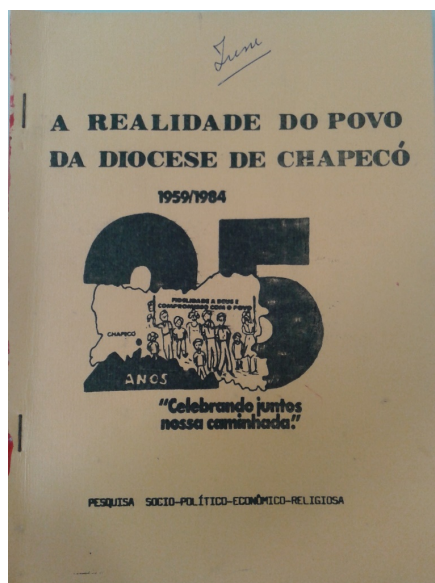
classe” vem a partir da elaboração da TdL e de sua aproximação de análise sociológica com o materialismo histórico. Muitos roteiros foram elaborados nas décadas de 1970 e 1980, a partir desses pressupostos.

Em pesquisa no arquivo diocesano⁷ foi possível mapear 28 cadernos de roteiros para GRs, elaborados entre 1978 e 1989, com diversas propostas de encontro e temáticas. Porém, é provável que o número de produção seja muito maior, visto que não estão nos arquivos alguns cadernos básicos, como o de Natal e Campanhas da Fraternidade de alguns anos. Outros cadernos de roteiros vinham de outras Dioceses do Brasil e provavelmente serviam de modelo ou subsídio de estudo para os agentes responsáveis pela elaboração. São diversos livros com sugestões de encontros, especialmente para quaresma (campanha da fraternidade), Natal, datas e temas específicos, como dia do agricultor e a organização das mulheres. Em cada estudo, a tentativa de aproximação entre fé e vida através da linguagem popular apontava para o compromisso concreto dos participantes, forjando novas lideranças nas comunidades.

ORGANIZAÇÃO E CONTRADIÇÕES NOS GRUPOS DE REFLEXÃO

Em uma ampla pesquisa feita no ano de 1984, como estratégia de organização a partir do jubileu de 25 anos da Diocese de Chapecó, encontramos o resultado sistematizado de que naquele ano havia 10.160 Grupos de Reflexão, apenas nas comunidades rurais, e mais 724 grupos⁸ nas comunidades dos bairros das cidades, espalhados pelos, até então, 32 municípios de abrangência. Esse mesmo estudo compilou dados do senso do IBGE de 1980, os quais marcavam que a população total da diocese era de 632.516 pessoas, das quais 423.181 residiam na área rural e 209.355 residiam na área urbana. Nesse universo populacional, ter um montante de quase de 11 mil Grupos de Reflexão pressupõe um bom nível de organização desta prática na Diocese.⁹

Figura 3 – “A Realidade do Povo de Deus da Diocese de Chapecó”.



Fonte: DIOCESE DE CHAPECÓ. *A realidade do povo da diocese de Chapecó 1959/1984: Pesquisa Socio-Político-Econômico-Religiosa*. Chapecó, 1984. Cópia no arquivo do Secretariado Diocesano de Pastoral. Av. Getúlio Vargas, 121S, Chapecó-SC.

- 7 Desenvolvida para elaboração da Dissertação de Mestrado, entre os anos de 2016 e 2018.
- 8 A pesquisa nos bairros aponta também o número de famílias que participavam dos grupos, chegando ao total de 3.887 famílias. DIOCESE DE CHAPECÓ. *A realidade do povo da diocese de Chapecó 1959/1984: Pesquisa Socio-Político-Econômico-Religiosa*. Chapecó, 1984, p. 19. Cópia no arquivo do Secretariado Diocesano de Pastoral. Av. Getúlio Vargas, 121S, Chapecó-SC.
- 9 Sem dúvidas valeria a pena um estudo específico sobre os materiais elaborados em 1984 em decorrência do jubileu de prata da Diocese de Chapecó. DIOCESE DE CHAPECÓ. *A realidade do povo da diocese de Chapecó 1959/1984: Pesquisa Socio-Político-Econômico-Religiosa*. Chapecó, 1984. Cópia no arquivo do Secretariado Diocesano de Pastoral. Av. Getúlio Vargas, 121S, Chapecó-SC.

Diante dos números colhidos na época, é possível perceber que a formação de lideranças se dava de maneira bem articulada dentro dos GRs. Os estudos e as provocações para ação prática na realidade onde viviam impulsionavam a procura por novas fontes e referências. Se analisados a partir da ótica da educação popular, em um primeiro olhar, os GRs foram uma experiência exitosa. Para Paulo Freire:

Não existe conscientização se a prática não nos leva à ação consciente dos oprimidos como classe social explorada na luta pela sua libertação. Por outro lado, ninguém conscientiza ninguém. O educador e o povo conscientizam-se através do movimento dialético entre a reflexão crítica da ação anterior e a ação que se segue no processo dessa luta.¹⁰

No entanto, era justamente na interação entre educador e povo que ocorriam as maiores tensões no processo dos GRs e, a partir de então, se revelavam outras fragilidades. Nas reuniões de avaliação e, especialmente, nos relatórios de assembleias diocesanas verificamos inúmeras dificuldades encontradas na efetividade dos grupos.

Tais contextos de dificuldade podem ser observados 3 (três) anos antes do lançamento do estudo supracitado, de maneira mais enfática. A *Circular – Outubro 81*¹¹, por exemplo, apresenta o resultado de quatro reuniões comarcais que tinham o objetivo de fazer uma leitura da organização e ação da Diocese naquele ano. Dentro do material estão textos referentes à conjuntura estadual, nacional e latino-americana, além da sistematização das avaliações feitas nas comarcas. As dificuldades dos GRs são divididas entre rurais e urbanas, embora o texto referencie que ambas as realidades apresentem desafios parecidos. Na lista das 28 dificuldades, aparecem em destaque, quanto à metodologia, as seguintes afirmações:

- Grupos se prendem só ao texto, não entendendo a dinâmica e o método dos grupos de reflexão; - Falta de ligação/ reflexão-oração-ação; - Falta de conhecimento e convicção quanto à validade, utilidade e finalidade dos grupos de reflexão por parte do povo e dos agentes; Os mais pobres não são atendidos; - O material demais intelectual do que popular.¹²

As lideranças das paróquias, em grande medida, sugeriam o avanço ainda maior na eficiência e proposição dos GRs. Há inúmeras cobranças sobre a necessidade de tornar os materiais mais populares e fazer com que esse mecanismo despertasse mais para a ação concreta. Algumas argumentações, no entanto, elucidam as divergências e fragilidades internas que a nova proposta eclesial gerava entre as famílias. Embora tivesse uma ampla adesão, a metodologia dos Grupos de Reflexão não tinha total aceitação e as avaliações também apresentavam repúdios ao cunho político, além de sugerirem o indicativo para assuntos ligados à moral, sacramentos e catequese, especialmente.¹³

Segundo Clodovis Boff, havia duas esferas distintas de trabalho com o povo: a esfera eclesial e a esfera social, que embora tenham suas práticas próprias deveriam estar relacionadas entre si. “Por isso, a questão, nesse nível não é desdobrar, mas antes *combinar* as

10 Paulo FREIRE. *Os cristãos e libertação dos oprimidos*. p. 17.

11 Circular eram textos em formato de estudos, comunicados, reflexões etc., escritos pelo Bispo Diocesano ou por equipes da estrutura da Igreja local, destinados a paróquias ou comunidades, no intuito de formação e informação das lideranças.

12 DIOCESE DE CHAPECÓ. *Circular – Outubro – 81. Resumo dos encontros comarcais e outros Documentos*. Chapecó, 1981. As 28 dificuldades listadas na circular quanto aos grupos no meio rural são basicamente relacionadas a dicotomia entre fé vida; o pouco engajamento político; os conflitos entre patrões e empregados, ricos e pobres; o modelo de Igreja; a alta demanda de reuniões e; a linguagem difícil dos materiais.

13 DIOCESE DE CHAPECÓ. *Circular – Outubro – 81. Resumo dos encontros comarcais e outros Documentos*. Chapecó, 1981. Cópia no arquivo do Secretariado Diocesano de Pastoral. Av. Getúlio Vargas, 121S, Chapecó-SC.

duas esferas, ou seja: a comunidade eclesial e outras associações do povo”.¹⁴ Como proposta, para resolver tais dificuldades e contemplar todas as argumentações foi sugerida a realização de uma Assembleia Diocesana¹⁵ específica dos Grupos de Reflexão para o ano de 1982.

DOM JOSÉ GOMES: O BISPO DA DIOCESE DE CHAPECÓ

Como já mencionamos, não se sabe ao certo o que motivou a opção da Igreja pela transferência do bispo Dom José Gomes para Diocese de Chapecó, em 1968.¹⁶ Vastos estudos já foram elaborados sobre a importância do bispo para a Igreja local e nacional. É imprescindível lembrar, no entanto, que Dom José não chega em Chapecó já com a postura mais ligada a TdL. É no contexto encontrado que ele vai se forjando como um bispo da libertação, ligado às causas sociais e à defesa dos pobres, como pressupõe a premissa básica fortalecida por esse segmento dentro da Igreja Católica.

Adayr Tedesco e Romualdo Zimmer (2002) definem a presença do bispo em três grandes períodos, sendo eles chamados de patamares: 1 – entre os anos de 1968 e 1975; 2 – entre os anos de 1975 e 1984; 3 – de 1985 até 1998, quando se torna bispo emérito da Diocese, com a nomeação do novo bispo, Dom Manuel João Francisco.

Segundo os autores, no primeiro patamar encontramos uma característica marcada por uma organização de Igreja mais moderna que libertadora. É o momento em que Dom José se insere em um movimento de renovação interna na Igreja, focado em novas diretrizes para a catequese, formação de lideranças comunitárias e introdução de Ministérios Leigos, baseado nas deliberações do Concílio Vaticano II.¹⁷

No segundo patamar ocorrem os debates mais apurados da Igreja diocesana para Teologia da Libertação e para as lutas sociais mais fortes. Neste período Dom José é perseguido, difamado e ameaçado por defender os direitos dos sem-terra, dos indígenas, das mulheres, dos trabalhadores. É um cenário onde “entram em cheio os movimentos e as lutas sociais”.¹⁸ A Diocese de Chapecó ganha importância em nível nacional com a organização de dois importantes órgãos, o Conselho Indigenista Missionário – CIMI, e a Comissão Pastoral da Terra – CPT, os quais Dom José assumiria a presidência nacional mais tarde e que fomentaram um amplo debate em torno das questões de demarcação de terras indígenas e da luta pela terra dos trabalhadores rurais sem-terra.¹⁹

Nesta conjuntura, Dom José toma posse dos debates da Conferência de Medellín e da Teologia da Libertação. A Opção pelos pobres passa ser a marca forte do bispo diocesano que, por sua vez, se difunde para as lideranças e para o jeito de fazer pastoral e se organizar de toda a diocese. Para gerar cada vez mais sintonia na opção e orientação, Dom José passa a escrever, a partir de 1975, homílias para serem reproduzidas em todas as comunidades da Diocese. Na publicação das homílias de Dom José - escritas entre os anos de 1975 e 1992 - encontramos a seguinte descrição da característica do discurso de Dom José, que revelam a importância de seu pronunciamento para a politização das comunidades:

14 Clodovis BOFF. *Como trabalhar com o povo*. p. 109.

15 Principal mecanismo de consulta e tomada de decisão elaborado pela Diocese de Chapecó para saber as opiniões das paróquias sobre as ações que deveriam ser tomadas.

16 Em Pedro UCZAI (Org.). *Dom José Gomes: Mestre e Aprendiz do Povo*. Chapecó: Argos, 2002, é possível perceber o porquê desse contexto ser tão emblemático.

17 Adayr Mário TEDESCO; Romualdo ZIMMER. O pastor de uma Igreja que transformou o Oeste. In: UCZAI, Pedro (Org.). *Dom José Gomes: Mestre e Aprendiz do Povo*. p. 77.

18 Adayr Mário TEDESCO; Romualdo ZIMMER. O pastor de uma Igreja que transformou o Oeste. In: UCZAI, Pedro (Org.). *Dom José Gomes: Mestre e Aprendiz do Povo*. p. 78.

19 Dom José foi presidente Nacional do CIMI entre os anos de 1979 à 1981 e da CPT entre os anos de 1981 à 1984.

Dom José tinha do dom da palavra. Até hoje suas pregações estão à flor da pele de muitos militantes. Elas sempre incidiam diretamente no contexto em que vivia o povo oprimido nas comunidades de agricultores, de caboclos, de povos indígenas, de operários explorados nas cidades.²⁰

Logo, os sermões, são uma forma de diálogo direta entre o bispo e as comunidades e uma maneira de posicionamento e direcionamento dos debates propostos pela Igreja a partir da realidade local e nacional, ligando o discurso da Teologia da Libertação. Para o cenário do Oeste Catarinense, Dom José descreve os pobres a partir de uma realidade bem concreta. Para uma região onde os índios, cabocos e pequenos agricultores sem-terra e sem direitos, diante do avanço do modelo agroindustrial que endividava e gerava dependência do “modelo de integração” das famílias agricultoras e de exploração dos trabalhadores. Em uma de suas homilias o bispo apresenta os pobres como:

Os que não têm comida; Os que não tem roupa; Os que não tem água para beber; Os que não tem remédios e condição de ser recebidos em hospitais; Os que são presos. Sempre vai para cadeia o pobre. O rico, bem cotado, nunca vai para cadeia. O dinheiro paga a “justiça”; Os que não tem terra; Os que não têm casa e nem podem pagar o aluguel; Os que não têm trabalho, os desempregados; Os desprezados e humilhados. Aqueles que nós gostamos de pisar em cima; Os desprezados porque são de outra raça (caboclos, negros, índios); Os explorados nos salários e no preço do seu trabalho, como os pequenos agricultores; Os pequenos, que a Bíblia diz que do outro lado tem os grandes que os desprezam; Os que são roubados no pouco que têm. Toda esta gente, que normalmente a sociedade despreza, Jesus chama de bem aventurados, felizes ou abençoados de Deus, porque sua situação não é do plano de Deus. E Jesus diz que o Reino de Deus é deles. E não daqueles que exploram ou sustentam estas situações para proveito próprio, ou simplesmente os chama de vagabundos e miseráveis, relaxados. O Evangelho é brabo, gente!²¹

Tais posturas e debates, por sua vez provocam reações. Nesse cenário, Dom José, impulsionador e incentivador da ação leiga em diferentes campos da luta por direitos, vai sofrer um grande número de críticas e ameaças. Nessas relações conflituosas, intra e extra eclesiais, a Diocese de Chapecó se consolida como uma Diocese de organização e lutas populares. Muitas lideranças formadas nesse meio, ocupam posições de destaque em cenários políticos, acadêmicos, movimentos sociais, sindicatos, inseridos na luta pela valorização e por direitos para suas comunidades. Para isso era preciso um amplo e eficiente método de formação.

DOM JOSÉ GOMES E OS GRUPOS DE REFLEXÃO

Dom José Gomes tinha papel decisivo também na animação dos Grupos de Reflexão, pois via o potencial fundamental de formação e organização de lideranças, tanto para o âmbito eclesial, como para o social e político, que tais reuniões proporcionavam. O bispo fazia questão de participar de espaços de debate, formação e elaboração sobre as temáticas.

Em seus sermões rotineiramente se encontra o apelo para que as lideranças dedicassem tempo para estudar através dos GRs. Também, nas apresentações dos cadernos de roteiros, o bispo deixava nítido quais deveriam ser os horizontes do estudo.

No roteiro da Campanha da Fraternidade 1978, por exemplo, cujo o tema é “Trabalho e justiça para todos” o bispo escreve o seguinte:

20 Clair LOVERA (et al.). *Sermões do bispo Dom José Gomes*. p. 26.

21 Clair LOVERA (et al.). *Sermões do bispo Dom José Gomes*. p. 464.

Alguém poderia perguntar, o que tem isto tudo a ver com Religião, com a Quaresma. Pois, eu digo a vocês: Religião é vida. Sem trabalho e sem justiça não se vive. E onde não existe trabalho e justiça, a religião está mal. É religião de papo e não religião de Cristo. Onde não há trabalho e justiça, só existe miséria e necessidade. E Deus não quer isto para os homens.²²

O pensamento de Dom José é repassado para as comunidades e lideranças de maneira direta. A mudança no modelo eclesiológico na Diocese de Chapecó vai se consolidando, no entanto, como já mencionado anteriormente, no centro das comunidades a receptividade das posturas da Igreja Diocesana e do bispo se dava de maneira distinta entre diferentes grupos. É nos GRs e nas CEBs que se notam os conflitos.

Não sem demora, ao mesmo tempo em que Dom José encontra muito apoio e acolhida, além de reconhecimento nacional dentro da ala progressista da Igreja, há também um avanço nas ameaças contra sua própria vida, ao longo de sua trajetória. Tais ameaças vinham de diferentes lugares e diferentes formas, dentro do contexto que se percebem redes de perseguição a religiosos com tais posturas.²³

Porém, mesmo em meio a conflitos, Dom José continua apostando na metodologia dos GRs. Com temas tão relevantes para a vida das comunidades e sua formação de consciência a partir da ótica da libertação, o bispo insistia em seu fortalecimento. No sermão feito para a celebração do 3º domingo do advento, em 14 de dezembro de 1980, Dom José escreve:

Meus amigos, eu vou falar bem claro! Vocês têm 28 dias por mês quando podem rezar quanto quiserem. Ninguém proíbe. É o dever de vocês. E vocês tem dois dias por mês para se reunir e estudar algum assunto importante da vida, da religião, da sociedade, dos problemas de vocês. São os dois dias da reunião dos grupos. No meio do estudo todo, vocês têm também um pouco de oração para fazer. Então, minha gente. Rezem à vontade, até a noite toda, nos 28 dias do mês, em que vocês não têm reunião do grupo. Mas nas duas noites em se reúnem para estudar, então vamos estudar de fato! Sem esquecer a oração. Eu volto a dizer: vocês têm 28 dias por mês para rezar e dois dias para estudar. [...] Deus não muda o mundo, não faz reforma agrária, não melhora o preço do milho, do feijão, do porco; não melhora a política, o sindicato a cooperativa, se vocês não estudarem estes problemas e não se unirem e lutarem para que sejam tratados como gente.²⁴

No discurso, Dom José revela muita ênfase na defesa de que as participações nos GRs deveriam ser prioridade nas comunidades. Além disso, deixa subentendido que são os grupos o mecanismo de estudo e organização chaves diante dos problemas concretos das famílias. Neste sentido, apenas a partir da organização, estudo e ação é que poderia se transformar a realidade.

Os Grupos de Reflexão ainda são uma estratégia de evangelização da Igreja na Diocese de Chapecó. Durante toda a permanência de Dom José em seu bispado, podem ser identificado momentos de ênfase na importância desta metodologia de organização. No entanto, as décadas de 1970 e 1980 são o auge da estruturação e repercussão na formação de lideranças, que extrapolam os muros da Igreja.

Mesmo após 1985, quando o Brasil vivenciava o avanço da abertura política, ao mesmo tempo em que houve a grande investida do papa João Paulo II de conter a TdL em nível mundial e a “emancipação” dos movimentos sociais da tutela eclesial, onde a Igreja

22 DIOCESE DE CHAPECÓ. *Circular – Outubro – 81. Resumo dos encontros comarcais e outros documentos*. Chapecó, 1981. Cópia no arquivo do Secretariado Diocesano de Pastoral. p. 1.

23 Em SILVA, 2018, pode-se verificar como os grupos atuavam e como as ameaças chegavam a Dom José Gomes.

24 Clair LOVERA (et al.). *Sermões do bispo Dom José Gomes*. p. 241.

volta-se mais sobre si mesma, ainda, assim, encontramos investidas das classes dominantes contra Dom José, tamanho foi seu legado e atuação.

Com uma organização de grande escala no Universo da Diocese de Chapecó, os GRs foram um mecanismo privilegiado de formação de lideranças e o bispo diocesano um agente de importância indispensável para o seu bom funcionamento. Neste sentido, é possível perceber que os Grupos moldaram e formaram muitas lideranças, inclusive a formação do pensamento e da atuação de Dom José Gomes, que ao mesmo tempo que liderava, se deixava liderar por essa metodologia.

CONCLUSÃO

Diante do nosso objetivo de analisar a relação do Bispo Dom José Gomes e dos Grupos de Reflexão, podemos ressaltar que as décadas de 1970 e 1980 apresentam uma nova perspectiva de organização popular no Oeste de Santa Catarina. Com a vinda do bispo para a Diocese de Chapecó, no mesmo período em que se reforça o protagonismo das lideranças leigas e a “opção pelos pobres” da Teologia da Libertação, como diretriz da Igreja Latino-americana, o modelo de Igreja baseado nas Comunidades Eclesiais de Base e na organização dos Grupos de Reflexão, fizeram com que a proposta de educação e formação das lideranças ganhasse um salto qualitativo e direcionado para este cenário.

Os roteiros para os Grupos de Reflexão, que são elaborados para instigar e forjar a organização e compromisso das comunidades com sua própria realidade, confrontando-a com a experiência dos povos descritos na bíblia, seguem o modelo de educação popular e apresentam o diferencial de proposta de estudo e participação coletiva no entendimento da realidade social. Eles serão os impulsionadores e motivadores de encontros comunitários de pequenos núcleos familiares, a fim de debaterem seus problemas, desafios locais e globais e inseri-los em sua pauta de reivindicações por direitos.

Neste cenário, Dom José mostra-se sempre vigilante e exigente para que se efetive a proposta dos grupos entendendo-os como espaço fundamental de estudo comunitário. Mesmo em meio às críticas que as lideranças recebiam por estarem misturando religião com política e outros aspectos, as respostas eram sempre de que fé e vida que andam juntas e nunca podem se separar. Assim, os roteiros dos Grupos de Reflexão têm importância significativa no processo formativo não apenas de lideranças eclesiais, mas também para os movimentos populares e partidos políticos ligados a essa linha de pensamento, assim como de direção da atuação do bispo.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOFF, Clodovis. *Como trabalhar com o Povo*. 6. ed. Petrópolis: Vozes/IBASE, 1984.
- DIOCESE DE CHAPECÓ. *A realidade do povo da diocese de Chapecó 1959/1984: Pesquisa Socio-Político-Econômico-Religiosa*. Chapecó, 1984. Cópia no arquivo do Secretariado Diocesano de Pastoral. Av. Getúlio Vargas, 121S, Chapecó-SC.
- DIOCESE DE CHAPECÓ. *Circular – Outubro – 81. Resumo dos encontros comarcais e outros DOCUMENTOS*. Chapecó, 1981. Cópia no arquivo do Secretariado Diocesano de Pastoral. Av. Getúlio Vargas, 121S, Chapecó-SC.
- DIOCESE DE CHAPECÓ. *Conclusões da Assembleia Diocesana de Pastoral – 1987. Texto Popular*. 1987. Cópia no arquivo do Secretariado Diocesano de Pastoral. Av. Getúlio Vargas, 121S, Chapecó-SC.
- DIOCESE DE CHAPECÓ. *Natal Vida e Esperança – Pastoral Rural*. Roteiro de Grupo de Reflexão. Chapecó, 1980. Cópia no arquivo do Secretariado Diocesano de Pastoral. Av. Getúlio Vargas, 121S, Chapecó-SC.

DIOCESE DE CHAPECÓ. *Plano de Pastoral da Diocese de Chapecó – 1980*. Cópia no arquivo do Secretariado Diocesano de Pastoral. Av. Getúlio Vargas, 121S, Chapecó-SC.

DIOCESE DE CHAPECÓ. *Roteiro para grupos de reflexão. Grupos de Reflexão: Sementes de nova gente, sociedade*. 1988. Cópia no arquivo do Secretariado Diocesano de Pastoral. Av. Getúlio Vargas, 121S, Chapecó-SC.

FREIRE, Paulo. *Os cristãos e libertação dos oprimidos*. Lisboa: Edições Base, 1978.

LOVERA, Clair (et al.). *Sermões do bispo Dom José Gomes*. Florianópolis: Premier, 2013.

SILVA, Tiago Arcego da. *A práxis política da Igreja Católica na Diocese de Chapecó/SC (1970-1980)*. Erechim: AllPrint, 2018.

SILVA, Tiago Arcego da. *Roteiros dos grupos de reflexão: uma experiência de educação popular na Diocese de Chapecó (1970-1980)*. In: XVI Encontro Estadual de História ANPUH-SC, 2016, Chapecó-SC. Anais do XVI Encontro Estadual de História da ANPUH - SC, 2016.

TEDESCO, Adair Mário; ZIMMER, Romualdo. O pastor de uma Igreja que transformou o Oeste. In: UCZAI, Pedro (Org.). *Dom José Gomes: Mestre e Aprendiz do Povo*. Chapecó: Argos, 2002. p. 69-123.

UCZAI, Pedro (Org.). *Dom José Gomes: Mestre e Aprendiz do povo*. Chapecó: Argos, 2002.